

## Sessão 20

### Filosofia 2

159

**FALSIDADES BENIGNAS.** *Lionara Fusari, Claudio Gonçalves de Almeida (orient.)* (PUCRS).

O conhecimento inferencial é tradicionalmente compreendido como sendo aquele caso de crença causada por outras crenças que são casos de conhecimento. Essa concepção remonta aos Segundos Analíticos, de Aristóteles. No século vinte, Bertrand Russel (1912) é um dos poucos autores que considera necessário afirmar, explicitamente, que falsidades não podem fazer parte do processo inferencial que leva ao conhecimento. Para a grande maioria dos epistemólogos, a suposição é tácita. O ato de raciocínio que conduz a uma crença que seja caso de conhecimento não poderia, de forma alguma, conter uma ou mais premissas falsas. O surgimento dos exemplos de Edmund Gettier, em 1963, que apresentam o processo da obtenção de crença inferencial verdadeira influenciado por falsidades, reforça a tradicional idéia filosófica de que falsidades não podem participar do processo inferencial produtor de conhecimento. Mas, a investigação epistemológica recente parece oferecer a oportunidade para a pergunta: será, mesmo, que não se pode obter conhecimento com base em falsidades? Surge, na epistemologia contemporânea, uma alegação surpreendente: há falsidades benignas. A meta do estudo proposto é mostrar a presença de falsidades que desempenham um papel essencial em casos de inferência produtora de conhecimento, fazendo, então, a distinção entre falsidades benignas e falsidades malignas. Essa distinção é sustentada por Peter Klein e analisada, também, por Cláudio de Almeida e Ted Warfield. Parte dessa discussão recentíssima é desenvolvida em *Certain Doubts* – o mais importante “website” da epistemologia em nível internacional. Enfatizando as idéias de Klein, a respeito do assunto, abordaremos essa surpreendente revisão da concepção tradicional de conhecimento inferencial.